

FARIA, Hamilton, **Encântaros**. São Paulo: Escrituras, 1995
Encantos + canto + cânticos = encântaros.

É do bojudo e grande cântaro que, metaforicamente, o poeta Hamilton Faria tira substância, inspiração para seu canto. Sua palavra é forte, comprometida com os homens e a vida.

Hamilton Faria não é poeta que se feche, se encasule, fazendo do ofício poético instrumento para falar só consigo mesmo. Ao contrário, seu texto é dialógico, comunicativo, voltado para a interlocução.

Dividido em sete partes, **Encântaros** abre com “Páramos”, vocábulo sonoro, que, se de um lado remete à planície deserta, de onde o poeta arranca a palavra criadora de poemas, de outro, aponta para o firmamento, a abóbada celeste, alturas para o vate instaurar os domínios da poesia.

**“Deu-me a poesia o dom
de em palavras transmutar-me**

.....

**Assim o mundo crio
O nome. A coisa nomeada.”**

(“Criação”)

Fazer poesia não é só falar de pessoas, de coisas que estão à volta ou em todos os lugares. É muito mais. É falar de tudo isso, como se fora a primeira vez; é dar nome ao que já nome tem, criando com “o nome” e “a coisa nomeada” um novo mundo, cheio de mutações e belezas. E só consegue a plena expressão quem ama, quem vivencia o sonho, o imaginado:

**“Deu-me Deus o dom de amar
e de escrever o vivido
E o dom maior me-deus:
o de viver o escrito”**

(“Criação”)

A criação poética para Hamilton Faria é uma centelha da Criação divina; daí o ambivalente “me — deus”: **Deus me deu**, mas também **eu — deus**. Deus cria

pela palavra falada (“Deus disse: ‘Haja luz ‘ e houve luz”. (Gên. 1,3); o poeta, pela palavra escrita: na poesia, o “nome” dá estatuto de existência à “coisa nomeada”.

E a nominalização poética se faz sem preconceito algum, mesclando metáforas, neologismos, neocompostos, neoderivados, aglutinações, à denotação mais evidente.

Para a expressão de seu canto, Hamilton Faria não se poupa, nem poupa o instrumento, a Língua Portuguesa. Se para comunicar é preciso transgredir, que não se titubeie:

Deus, substantivo, vira verbo com pronome em próclise e separado por hífen (“me-deus”). O particípio escrito é pouco para atestar a relação viver-escrever / escrever-viver: só cabe **escrevido** (“O de viver o escrevido”).

A ordem direta, na língua, nem sempre é feliz. Por que não a colocação não linear, inversa: “Minha ó maçã” (de “Azul Espigas e Maçãs”) ou “O Tempo qual do retorno ó ?” (de “Tempos”).

Verbos intransitivos ganham reforço com o pronome (“Eu **me** vivo”, de “Bailarina”) ou exprimem gradação (“**Se** rindo / rindo-se / rindo” de “Rêveries”).

Como esses, muitos outros exemplos se espalham por **Encântaros**.

Mas paira, acima de tudo, “o dom de amar”, de “escrever o vivido” e de “viver o escrevido”. Isto é, não se trata, de forma alguma, de poesia cerebral, de exercício estético, mas de “almar-se”, como diz o poeta, de fazer do encanto poético a metaforização da alma, a única oportunidade de dizer o indizível.

Assim como a bailarina, o poeta “roda / gira / vira / baila”, virando vida por meio do “invento de andar”, de criar (cf. poema “A bailarina”).

Nem sempre, porém, tudo são encontros. Nem sempre o poeta vê claramente o horizonte: seus olhos, “niños de mundo”, embora enxerguem a beleza, têm dificuldade em registrar as imagens. Por isso conclui que “poetas son páramos sin ventanas” (de “De mi ventana en Tepoztlán”).

Mas o poeta não pode fugir a seu “engano”, a sua sorte. Em nada crendo, paradoxalmente, em tudo crê, ao inventar, encantado, o “mito do mito”, “o Poema perdido no real”. (“Encanto”)

Já estamos transitando para a segunda parte do livro, “**Memorial**”, que, como o próprio nome diz, trata de memórias, de lembramentos. É a metaforização de lembranças que marcaram o poeta, por meio das quais tenta uma autodefinição. Nem sempre as lembranças são doces, e o sofrimento aparece como parte integrante da vida, como condição para crescer e amadurecer. “Se a rosa cresce assim tão lindamente / também chorou e enrubesceu também” (“A metáfora da rosa”); “Quantas vezes partir/ para ser inteiro? Quantas vezes / ser inteiro / para partir?” (“Arte”)

As chaves dessa autodefinição parecem estar em “O decifrador” e em “Início”. No primeiro desses poemas, Hamilton se revela como “luz mínima”, “um ponto do ponto”, onde se encontram e por vezes se digladiam o “vício” da cultura e a perenidade do universal; no segundo deles o poeta tem um lampejo de esperança de que esse dilema se resolva e ele possa, finalmente, encontrar-se: “Eu sei / um dia essa guerra acaba / Eu morando dentro de mim / pulsarei / Vermelho / Inteiro / Até o fim”.

Assim como a re-criação do mundo se faz pela palavra poética escrita (cf. “**Páramos**”), aqui também a descoberta e a definição do **eu** acontecerão pelo decifrar da escritura, do fazer poético, porque o poeta lê a si mesmo como se fora um livro: “virei a página de mim / ... quando me completo / não esqueço de onde vim” (“**Gratias**”)

Adentremos “**Amares**”, terceira parte do livro. Impossível viver sem amor, “sem amor os ossos se enrijecem” (“**Soneto d’amor**”). De que espécie de amor se trata? De algo muito grande, muito fundo, às vezes muito dolorido: “Aperto o coração entre os dedos / Ele quer sair não deixo” (“**Calmaria**”). Palavras não bastam para expressá-lo; daí dizer o poeta à amada: “Escreverei teu nome com oceanos” (“**Transluz**”). Por tudo isso, o amor é mais que humano, é a irrupção do divino no homem, do eterno no tempo, “a passagem para o divino”, pois “só quem ama pode achar / o portal do peregrino” (“**Amares**”).

E à semelhança de “**Memorial**” e de “**Páramos**”, em matéria de amares nada acontece também sem a dor e a intermediação da palavra poética escrita: “Asas nascem da dor / embora doa” (“**Nascer**”); “o poema dança / e saltitante / nos olhos dos amantes” (“**Bailado**”).

A quarta parte do livro, “**Elementos**”, busca em fogo, água, terra e ar a essência do universo e a essência do homem. Para o poeta, é o fogo que precede a tudo e a tudo dá origem: “O fogo que inicia a água / que inicia a terra / que inicia o ar / que inicia” (“**Arquétipos do fogo**”). Ora, não há início de nada sem amor (voltamos a “**Páramos**”), e o fogo é metáfora perfeita do amor, “fogo dos fogos”, pelo qual anseia o poeta (“**Essência**”), “fio da navalha”, que “corta o corpo das coisas”, que “se extingue depois / para nascer de novo” (“**Do fogo**”).

A procura do essencial humano alça o poeta às alturas do eterno e os dois últimos poemas de “**Elementos**” fazem a transição. Trata-se de “**Tempos**”, série de indagações sobre a temporalidade (“Qual o tempo de uma flauta indiana? E o tempo de quem ama?” e de “**Casa**”, que, voltando a “**Páramos**”, recoloca a criação pela palavra poética escrita (“**Escrevo minha casa com estrelas**”) e voltando também a “**Memorial**”, a “**Elementos**” à busca da essência, termina dizendo que a pátria do poeta “é a luz”.

“Eternal”, quinto na divisão, é o anseio incontido do poeta de transpor as janelas do tempo, de adentrar o eterno e o mistério.

Hamilton declara-se em “estado de religião” (“Religare”), em que tudo é maior e ele, pertencente. Há um vislumbre do mistério, daquilo que não se vê, mas existe e pode ser captado pela sensibilidade poética.

A sexta parte da obra, “Encântaros”, poema único em vinte secções, é uma reflexão sobre a condição humana. Pulsam, simultaneamente, no poeta, um menino e um velho. Ele é um grão de areia, não é um granito; é um nada, um vazio; a humanidade está derrotada nele, mas, ao mesmo tempo, a humanidade se assombra com ele, já que pequenez e grandeza nele caminham juntas. Transpondo os umbrais de si mesmo, em perspectiva holística, o poeta / sente-se e percebe-se como “alguma coisa decomposta em tudo”. Fundindo o pessoal com o cósmico, completa: “Na impossibilidade de ser Eu sou tudo isso / Na possibilidade de ser Eu sonho com isso” (Poema IV).

Segue-se dialeticamente uma linha de oposições que convivem no ser do poeta:

“Procuro a invariância o arcaico o pleno

.....

Cansei de ser história”

(Poema IX);

“Eu sou grande demais para cair
E quando caio sou pequeno demais para
levantar.”

(Poema XI);

ou ainda:

“Sou todas as idades

.....

Posso ser infinito através do finito.”

(Poema XV)

Aí, dentro de toda essa reflexão, que raia à metafísica, volta, obsessivamente, a fixação pela mágica palavra escrita criadora:

“Alguém sabe quanto custa um poema?

.....

Quanto dói um poema?

Quanto liberta um poema!”

(Poema V)

A missão do poeta é re-inventar, pela palavra, “todas as coisas”, as que estão e as que não estão dentro dele (cf. poema XVI); por isso ele é um deus-menino:

“Menino diz coisas impossíveis
Galáxias que perdemos de vista
Menino: deus de calças curtas
e estrelas no bolso”

(Poema XVIII)

Bonita imagem: “Menino: deus de calças curtas”, porque a criança cria mundos novos, fantásticos, impossíveis, com o simples dizer.

Está feita a ponte para o poema único que compõe a sétima e última parte de **ENCÂNTAROS: “Palavras”**. É o ofício do poeta, o fiar de Penélope:

“... palavra a palavra
.....
cada uma tecida
como quem tece o fio
que começa de novo
onde termina”

Fecha-se o círculo, voltando a “Páramos”.

É envolvente a poesia de Hamilton Faria. O conjunto coloca o leitor diante de algo grande, que excede o humano, que quer explodir os limites, que antevê e antegoza o eterno.

O único meio de vislumbrar e pregar este mistério para o qual o poeta se sente irresistivelmente atraído — e é como que sua única realização, e mais, o único “descanso” do homem — é a poesia, a palavra poética criadora:

“... que palavras foram
cada
multidão de braços
a juntar poemas
até pronunciar
um ser feliz”.

Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo
(Departamento de Letras)